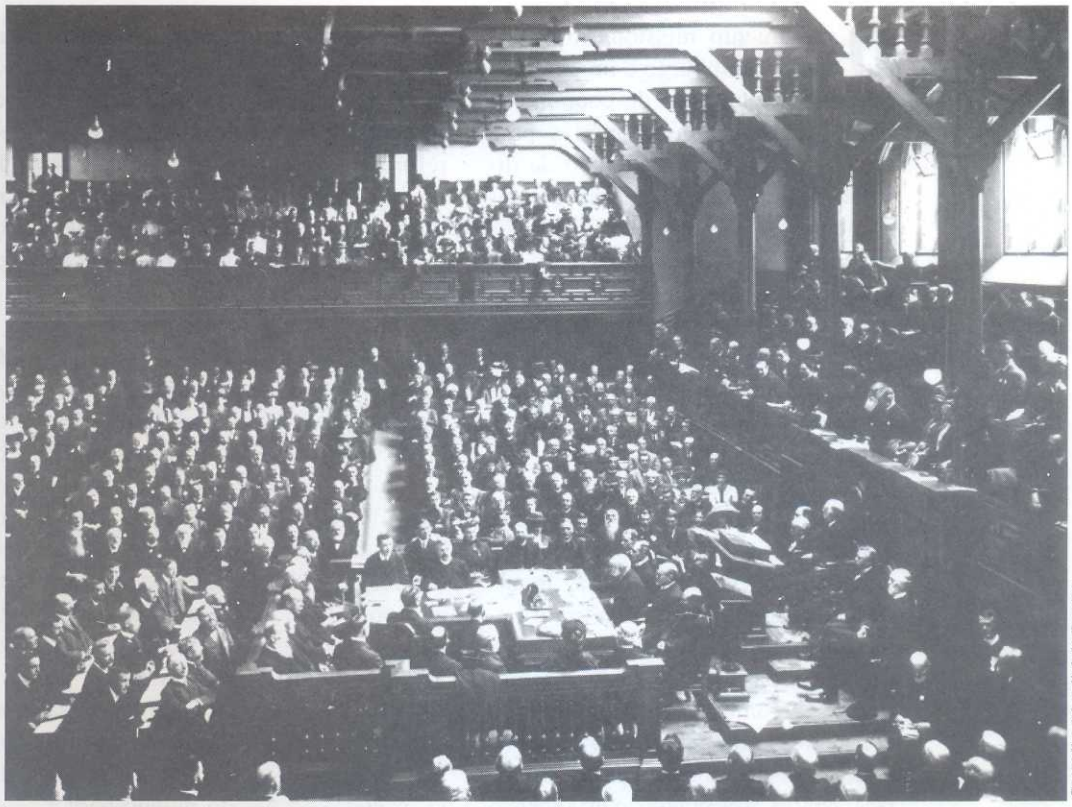


Conselho Mundial de Igrejas

Plenário da 1ª Conferência Mundial sobre Missão, realizada em Edimburgo, Escócia, em 1910. Segundo K.S. Latourette esta conferência inaugurou "um novo sentido de fraternidade entre os cristãos"

EVANGELHO E CULTURA: TENSÕES E DESAFIOS EM SALVADOR

Zwinglio Dias

Na esteira dos grandes encontros missionários que começaram em Edimburgo (Escócia) em 1910, se realizará no final de novembro deste ano, em Salvador, Bahia, a 11ª Conferência Mundial sobre Missão e Evangelização. Durante este período de quase um século as igrejas comprometidas com o movimento ecumênico foram, de conferência em conferência, consolidando uma visão teológica comum sobre o sentido e o conteúdo do imperativo missionário oriundo do Evangelho. Ao mesmo tempo desenvolviam uma perspectiva de unidade visível em obediência ao desejo de Cristo, portanto, em favor da unidade e da renovação de toda a humanidade

O movimento missionário nascido em Edimburgo e preocupado em buscar caminhos de cooperação entre sociedades missionárias para tentar minimizar o escândalo da divisão dos cristãos, ultrapassou rapidamente esses interesses institucionais, imediatos e limitados, tanto das igrejas como de suas sociedades missionárias, para cristalizar-se na afirmação da natureza missionária da Igreja como participante do desejo redentor de Deus (*missio Dei*) de comunicar seu amor a todos os povos.

Esta compreensão ecumênica do imperativo missionário significou, dentre outras coisas, preencher a agenda das igrejas com os temas candentes que afetam, interna e externamente, a vida das pessoas em qualquer parte do mundo. Assim questões como o empobrecimento crescente de dois terços da humanidade, a discriminação contra minorias, contra as mulheres e crianças, o diálogo com outras tradições religiosas, a busca de um estilo de vida possível de ser partilhado por todos, passaram a fazer parte do cotidiano programático das igrejas ecumenicamente comprometidas. O Reino de justiça, paz, integridade e verdade para todos e entre todos, anunciado por Jesus, exige das igrejas esta agenda de compromissos.

Assim, o diálogo intereclesiástico, nascido das urgências e carências percebidas nos campos missionários, colocou grande parte das igrejas na estrada da unidade e do serviço à humanidade em nome do testemunho do Reino de Deus. Tanto as conferências missionárias como as estruturas ecumênicas que se foram gestando concomitantemente até se fundirem num único organismo, o Conselho Mundial de Igrejas, levaram as igrejas à percepção de que o engajamento e a compreensão da tarefa missionária só podem se dar, do ponto de vista do Evangelho, por uma concepção dinâmica da Igreja enquanto imersa no processo histórico da humanidade, envolvida nos sofrimentos, lutas, realizações e alegrias do ser humano. A vivência de tal processo incarnacional por parte das igrejas impõe necessariamente uma reformulação contínua da concepção de missão, ao mesmo tempo em que relativiza suas formas históricas permitindo-lhes reconhecer o quanto se devem umas às outras.

ECUMENISMO E MISSÃO

Neste longo processo de mútua cooperação e busca comum da unidade cristã tanto o imperativo missionário quanto o mandamento da unidade passaram a se interpenetrar dinâmica e tensionalmente. Com propriedade o teólogo ganês John Pobee afirma que missão e ecumenismo "estão inextrincavelmente ligados" como se vê na vida do Conselho Mundial de Igrejas. Na verdade o CMI é apenas uma expressão e instrumento do movimento ecumênico; mas seu apelo às igrejas ao redor do mundo para a construção de sua unidade visível, como um imperativo do Evangelho, é a confirmação de que ecumenismo e missão não podem ser separados(...). O próprio auto-entendimento do CMI, como estabelecido em sua Constituição, também especifica que uma das razões de sua existência é "para facilitar o *testemunho comum* das Igrejas em cada um e em todos os lugares; para apoiar as igrejas em sua tarefa missionária e evangelística a nível mundial". Ou como assinalou na mesma perspectiva o rev. Emilio Castro, ex-secretário geral do CMI: "Ao verdadeiro ecumenismo pertence a consciência de ser parte do movimento missionário do próprio ser de Deus, o qual na plenitude dos tempos enviou seu Filho para nos redimir e enviou o Espírito Santo para reunir um povo para ser o portador da vontade libertadora de Deus em Jesus Cristo."

A partir desta visão ecumênica do papel da Igreja no interior da sociedade humana, o debate sobre as relações entre Evangelho e Cultura se torna de renovada urgência neste final de século uma vez que ele se ocupa não tanto da sobrevivência e da expansão das instituições eclesiásticas mas tem a ver com a transformação de pessoas e sociedades, num tempo marcado pela fragmentação desumanizadora que não respeita a dignidade humana nem de indivíduos nem de povos inteiros.

DE VANCOUVER A SALVADOR

As conferências missionárias até aqui realizadas, tocadas pela urgência da busca da unidade dos cristãos espalhados pela *oikoumene,* defrontaram-se com os mais diferentes temas que caracterizavam seus respectivos momentos históricos e contextuais até chegarem ao tema candente de Salvador, Bahia: *Chamados a uma mesma esperança: o Evangelho em diversas culturas.* A estreita conexão entre Missão e Ecumenismo há muito que assinalava a necessidade da abordagem direta da relação entre Evangelho e Cultura. Trata-se de uma temática presente de forma ininterrupta e inescapável na vida da Igreja Cristã em todos os tempos, e que começa nas páginas do Antigo Testamento, alcança um momento de exaltação no evento de Pentecostes e é ponto alto nas relações entre cristãos judeus e gentios preenchendo as agendas reflexivas dos apóstolos, notadamente Pedro e especialmente Paulo.

Já na Conferência Missionária de Jerusalém, em 1928, a pergunta pela identidade cristã em contextos étnicos, nacionais e culturais diferentes reinaugurou o debate acerca das expressões culturais do Evangelho e ganhou lugar cativo na agenda ecumênica desde então.

Particularmente na Conferência de Willingen, em 1952, graças à contribuição de três importantes missiólogos, Hoekendijk, Walter Freytag e Max Warren, o eixo da reflexão missiológica centrada nos interesses das igrejas como agentes missionários foi deslocado para a afirmação da irrupção do Reino no mundo, o que gerou uma nova interpretação da

missão da Igreja como a resposta dos cristãos ao que Deus tinha feito e continuava fazendo no mundo. Nessa nova perspectiva proposta pela Conferência de Willingen, o conceito de *Missio Dei* ganhou força. A Igreja é parte do Reino de Deus que já se encontra em ação antes mesmo do seu surgimento histórico.

Os questionamentos que começaram a ser levantados em Jerusalém vão continuar repercutindo no interior do movimento ecumênico até se expressarem de forma inequívoca na Conferência Mundial de Missão e Evangelismo realizada em Bangcoc em 1973. Segundo James Scherer, missiólogo luterano norte-americano, a Conferência de Bangcoc pode ser considerada como o ponto de partida das discussões conciliares quanto à relação entre o Evangelho e as Culturas. Diz ele: "Bangcoc afirmou, com ousadia, que a identidade cultural era uma 'questão de vida ou morte', envolvendo a relação entre Cristo como o portador da salvação e a pessoa ou o grupo que a recebia". Deplorando o racismo branco como traição ao Evangelho e condenando a alienação missionária, Bangcoc afirmou o seguinte: "O problema da identidade pessoal está intimamente relacionada com o problema da identidade cultural. A cultura dá forma à voz humana que responde à voz de Cristo (...)".

Mas vai ser na 7ª Assembléia do CMI em Vancouver que o movimento ecumênico representado no CMI vai se mostrar mais consciente, decidido e aberto para assumir o fato de que a questão fundamental não é tanto a relação estática entre Cristo e Culturas, mas sim, como confessar a Cristo nas diversas culturas. Ao fazer esta constatação o teólogo indiano Wesley Ariarajah acrescenta que, "gradualmente, a problemática de Evangelho e Cultura dentro do movimento ecumênico foi avançando, deixando de ser um problema conceitual e prático relativo às questões da missão ou uma arena de encontro das tradições teológicas que buscavam sua inspiração nos diferentes contextos e culturas. Na verdade, o movimento ecumênico tornou-se (...) um 'diálogo de culturas'".

NOVA AGENDA ECUMÊNICA

Vancouver constatou as dificuldades inerentes a esse diálogo que se desenhava no horizonte ecumênico como resultado de um novo entendimento do significado do Evangelho, da natureza da Igreja e do mandato missionário. Reconhecendo a existência de uma busca intensa de novas expressões da fé em situações culturais concretas, o capítulo do relatório final intitulado "Testemunhando num mundo dividido" concluiu que se tornava urgente repensar a relação Evangelho-Cultura em função do fato de que dentro do movimento ecumênico se percebia uma compreensão mais profunda do significado, da função e da pluralidade das culturas; notava-se um entendimento melhor das formas pelas quais o Evangelho interagia com as diferentes culturas; e se tornava evidente o conjunto de problemas provocados pela empresa missionária ocidental que ignorou as características das culturas receptoras e identificou-se com os processos de expansão colonial do Ocidente. Com isso Vancouver estabeleceu uma nova agenda ecumênica para o CMI, na qual as questões relativas à relação Evangelho e Cultura ganharam proeminência e máxima relevância.

Eventos polêmicos ocorridos na assembléia seguinte do CMI, em Camberra, Austrália, em 1991, como a apresentação da teóloga coreana Chung Hyun Kyung sobre o tema da Assembléia ("Vem Espírito Santo — renova toda a criação"), fazendo uso de canções e danças e invocando os espíritos de sua cultura ancestral, o que levantou uma onda de protesto por parte de muitos representantes eclesiásticos, especialmente os ortodoxos, ao mesmo tempo que arrancou aplausos de outros, evidenciaram a urgência de um tratamento em profundidade do tema Evangelho e Culturas. Em um dos relatórios finais da Assembléia de Camberra o CMI mostrou sua disposição de levar à prática a nova agenda ecumênica quando afirmou: "O Evangelho de Jesus Cristo deve encarnar-se em toda cultura. Quando o Cristianismo penetra em qualquer cultura dá-se um encontro mútuo envolvendo tanto a crítica da cultura pelo Evangelho como a possibilidade da cultura questionar nossa compreensão do Evangelho. Algumas das formas pelas quais o Evangelho tem sido imposto em culturas particulares se constituem num chamado ao arrependimento e à cura. Em cada caso precisamos nos perguntar: Está a Igreja criando tensões ou está promovendo a reconciliação?".

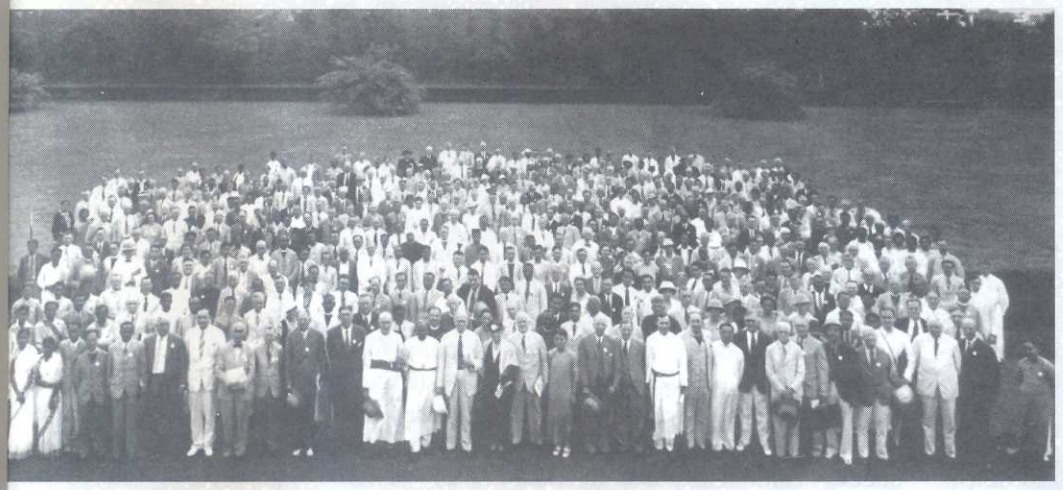
O empobrecimento crescente de dois terços da humanidade, a discriminação contra minorias, contra as mulheres e crianças, o diálogo com outras tradições religiosas, passaram a fazer parte do cotidiano programático das igrejas ecumenicamente comprometidas

O resultado direto e concreto desta tomada de consciência foi a criação do processo de estudos sobre Evangelho e Cultura em fins de 1993, com uma duração de três anos e que deveria conduzir à realização de uma conferência mundial sobre missão e evangelismo em novembro e dezembro de 1996. Ao estabelecer esse programa de estudos o Comitê Central do CMI foi taxativo quanto a seus objetivos: "O processo ecumênico de estudo procura entender as implicações de um Evangelho que

A Conferência de Jerusalém, em 1928, preparada pelo Conselho Missionário Internacional, criado em 1921 como resultado da Conferência de Edimburgo, discutiu a relação subsidiária entre Missão e igreja e entre as antigas e as novas Igrejas.

Willingen, Alemanha, 1952
Quatro anos após a organização do Conselho Mundial de Igrejas realizou-se a Conferência sobre Missão de Willingen, que marcou época na discussão sobre a relação entre Missão e Igreja. Nessa conferência a Igreja deixou de ser vista como o ponto de partida e o objetivo da Missão para ser entendida como uma comunidade enviada em Missão em favor do Reino de Deus.

Fotos do Conselho Mundial de Igrejas



Tambaram, Madras, Índia, 1938
A Conferência de Madras teve como tema "A missão mundial das Igrejas", e contou com grande número de participantes das novas igrejas do hemisfério sul. A relação das Igrejas com as demais religiões foi uma das questões mais discutidas.

Accra, Ghana, 1958
Na Conferência de Accra, a mudança iniciada em Willingen tornou-se mais clara: a Igreja existe para a missão em favor do Reino de Deus; por isso a Missão precisa ser realizada solidariamente entre todas as igrejas.

San Antonio, Estados Unidos, 1989
A Conferência de San Antonio foi marcada pela consciência de que os "sinais dos tempos" trazem um novo clamor à fé e apresentam novos desafios à missão e ao evangelismo. Das igrejas se espera uma solidariedade comprometida com os que sofrem.

Está a Igreja criando tensões ou está promovendo a reconciliação?

tanto desafia como é desafiado pelas culturas nas quais se encontra, de modo que as igrejas e os cristãos possam viver e testemunhá-lo autenticamente."

SALVADOR 96

Chamados a uma mesma esperança: O Evangelho em diversas culturas é o tema proposto que emergiu dos primeiros resultados do processo de estudos a que nos referimos acima para essa Conferência. Com ela o CMI está convocando suas igrejas-membros para explorarem conjuntamente as relações entre Evangelho e Culturas no contexto de um mundo cada vez mais dividido pela afirmação crescente de identidades culturais, étnicas, lingüísticas e religiosas e, contraditoriamente, mantido por forças de caráter globalizante como o mercado, e tecnologia, a mídia, etc.

Quatro subtemas estão previstos para estruturar as discussões sobre os diferentes aspectos que o tema geral oferece: a) O testemunho autêntico dentro das culturas; b) O Evangelho e a identidade comunitária; c) Congregações locais em sociedades plurais; d) Um evangelho — diversas expressões.

O primeiro subtema tratará de explorar a questão missiológica da relação do Evangelho com as diferentes culturas. Como o Evangelho critica e transforma aspectos da cultura onde está inserido? Por outro lado, como a cultura ilumina ou trunca a compreensão do Evangelho apresentada pelas igrejas?

O segundo subtema tratará de discutir o papel do Evangelho em sua relação com as dimensões estruturais da cultura. Como o poder do Evangelho liberta as pessoas oprimidas pelos grupos dominantes dentro de uma determinada cultura? Aqueles que são diferentes, como grupos indígenas, minorias, as mulheres, as crianças, os homossexuais, etc. Ou então podemos pensar na presente emergência de forças globais (o mercado, a mídia, a tecnologia, a modernidade e outras) que destroem culturas tradicionais ou padrões culturais regionais, desestruturando culturalmente milhões de pessoas e manipulando-as pela da criação de padrões de consumo desumanizadores. De que modo o Evangelho pode ser descoberto como um poder libertador em tais contextos?

O terceiro subtema tem a ver com o enraizamento dos valores do Evangelho nas situações culturais locais. Como ajudar as igrejas a se tornarem verdadeiramente locais, enraizando suas expressões de fé, seus testemunhos e suas manifestações litúrgicas no solo cultural que lhes é próprio?

Na medida em que as igrejas começam a articular suas expressões de fé em termos das culturas particulares em que se encontram inseridas, a questão da catolicidade e da contextualidade do Evangelho se torna mais aguda. O quarto subtema se ocupará de questões como esta, levantando também os problemas do compartilhar ecumênico da riqueza do Evangelho transculturizado, do sincretismo, da competição evangelística entre diferentes igrejas, da busca dos sinais de autenticidade missionária ecumênica, etc.

QUESTÕES PERTINENTES

O intercâmbio de experiências, idéias e testemunhos entre os cristãos que se reunirão em Salvador para tratar da dinâmica relacional entre Evangelho e Cultura não será nada fácil. Muitos desafios deverão ser enfrentados. Dentre estes desejamos destacar alguns na forma de questões que listaremos abaixo e que, sem dúvida, expressarão a complexidade da indissolúvel relação entre Evangelho e Culturas, magistralmente apresentada na fórmula do autor do Evangelho de João: "...e o Verbo se fez carne e habitou entre nós...".

(a) Conseguirá a Conferência ser suficientemente inclusiva a ponto de estabelecer condições para promover a reconciliação entre igrejas e movimentos que, urgidos pelo mandato missionário, até agora se encontram separados por preconceitos de ordem cultural, travestidos de pomposas formulações teológicas?

(b) Acontecendo no Brasil a Conferência terá de tocar o tema do diálogo inter-religioso entre cristãos e as religiões populares (macroecumenismo), secularmente oprimidas e subordinadas pela cultura religiosa (cristã) hegemônica. Se a religião é a substância da cultura e esta a forma da religião, conforme a formulação de Tillich, onde fica e como fica a preconceituosa discussão sobre sincretismo, que sempre pressupôs um Evangelho existindo fora do leito cultural?

(c) A cultura ocidental, captora das velhas igrejas que dominaram a empresa missionária nos últimos três séculos e responsável pelas calamidades do colonialismo, do desastre ecológico e da erosão da dignidade humana da maioria dos povos do planeta, poderá ainda pretender ser portadora quase hegemônica dos valores cristãos? Terá a Conferência condições de assinalar a mudança demográfica no mundo chamado cristão e assumir as conseqüências disso?

Faltando apenas dois anos para celebrar seu cinqüentenário, o CMI, na busca de novos paradigmas para direcionar a inflexão de suas igrejas-membros no contexto de um mundo econômica e politicamente globalizado mas culturalmente fragmentado, oferece às igrejas uma oportunidade ímpar para reafirmar sua esperança naquele que prometeu mais vida para todos.

Zwinglio Dias, teólogo protestante, pastor presbiteriano, integra KOINONIA.